

# O POVO de ANGOLA VENCERÁ!

Na inesquecível madrugada de 4 de Fevereiro de 1961, um grupo de patriotas angolanos assaltou a cadeia de Luanda, onde dezenas de camaradas seus se encontravam encarcerados pelos colonialistas. Esta acção de vanguarda de um grupo de militantes do MPLA foi a faísca que fez acender as chamas da insurreição popular em Angola.

O Povo Angolano, farto de sofrer a exploração e a opressão colonial, farto de ser massacrado e torturado, farto da miséria e da humilhação a que era sujeito, decidiu pegar em armas para se libertar do jugo colonialista e alcançar a liberdade e a Independência Nacional. Cerca de um mês mais tarde, deu-se a insurreição popular no Norte de Angola.

A justa via da violência revolucionária foi fruto da experiência de luta deste povo escravizado. Com efeito, já em 1960, aquando da prisão do líder nacionalista e actual Presidente do MPLA Agostinho Neto, a população de Icolo-e-Bengo, sua terra natal, se tinha manifestado nas ruas protestando contra a sua prisão e exigindo a sua libertação imediata. A esta manifestação responderam os colonialistas com um horrível massacre — o massacre de Icolo-e-Bengo em que houve mais de 200 mortos e feridos (Junho de 1960). No dia 29 de Dezembro do mesmo ano, 20 nacionalistas são fuzilados no pátio da prisão de Luanda. Em Janeiro/Fevereiro de 1961, na Baixa do Cassange (distrito de Malange), milhares de trabalhadores da saíra do algodão baixaram os braços e fizeram greve por aumento de salários. Imediatamente um comboio carregado de tropas viradas de Luanda desembocou na Baixa do Cassange e massacrrou sem dó nem piedade os grevistas, enquanto a aviação bombardeava as aldeias próximas, onde viviam as mulheres e os filhos dos trabalhadores em greve. Foi o massacre da Baixa do Cassange, em que 5.000 homens, mulheres e crianças perderam a vida.

Esta dolorosa experiência de luta despertou as amplas massas e fez-lhes compreender que só armados e organizados poderiam vencer o inimigo colonialista. Foi nesse sentido que o MPLA, vanguarda do Povo Angolano, organizou a acção do dia 4 de Fevereiro, dando assim o exemplo do caminho justo a seguir: a via da luta armada de libertação nacional. Essa acção culminou todo um trabalho político de agitação no seio das massas e de propaganda da causa da libertação nacional.

O povo angolano assim o compreendeu, e nos dias seguintes todo o povo estava mobilizado para a luta. O funeral dos policiais mortos no dia 4 transformou-se numa grande manifestação contra a presença dos colonialistas em Angola. A medida que estas notícias se iam espalhando pelas regiões do interior, as populações iam aderindo entusiasticamente. Apesar da enorme repressão, que só na cidade de Luanda vitimou cerca de 3.000 pessoas nos dias 5 e 6 de Fevereiro, e da contra-ofensiva colonialista do Verão de 1961, o ânimo e o patriotismo do Povo Angolano não esmoreceu, antes se consolidou e enraizou no espírito de todos os verdadeiros angolanos.

Desde 1961 até hoje 13 anos decorreram. Foram 13 anos de luta e de sacrifícios, mas também de grandes vitórias. Actualmente, cerca de 1/3 do vasto território de Angola encontra-se já libertado do jugo colonialista. Nessas regiões libertadas, uma sociedade nova se está construindo, uma sociedade sem exploração do homem pelo homem.

## CAMARADAS!

Nós, os estudantes revolucionários, e todos os anti-colonialistas verdadeiros, temos o dever de nos solidarizarmos de forma activa com a luta dos heróicos povos das colónias e, ao mesmo tempo, de nos colocarmos ao lado do povo português que nas fábricas, nos campos e nos quintais sofre e combate a odiosa ditadura colonial-fascista.

Nós, que já temos travado, por diversas vezes, corajosas lutas contra a criminosa Guerra Colonial, devemos continuar firmemente a nossa luta, não perdendo oportunidades de reforçar o nosso justo combate.

Para que a nossa luta anti-colonial avance, e para que cada nova luta reforce cada vez mais a unidade combativa dos estudantes, é necessário que os seus frutos se saldem sempre em avanços organizativos, num reforço da organização de unidade revolucionária dos estudantes portugueses. Sem isso, nunca a nossa luta será uma luta verdadeiramente eficaz ao serviço do povo, pois as massas não estarão dotadas da sua organização própria para a luta popular. Para que a nossa luta seja mais consequente, todos os estudantes revolucionários, todos os verdadeiros anti-colonialistas, se devem organizar em comités clandestinos, base da organização de unidade revolucionária, forma organizativa que corresponde ao embrião no sector estudantil duma ampla frente unida popular.

Só unindo-nos e organizando-nos poderemos alcançar vitórias sobre a burguesia colonial-fascista, só assim seremos uma força com que o povo e a classe operária possam contar a qualquer momento. E neste sentido que os COMITES "SERVIR O POVO", apelam para a formação de novos Comités, que englobem todos os camaradas que na luta tenham demonstrado a sua firme disposição de combater sem tréguas a criminosa guerra colonial, a ditadura fascista e o imperialismo.

## CAMARADAS!

No próximo dia 4 de Fevereiro comemora-se o 13º aniversário do início da luta armada de libertação nacional em Angola. A coragem e determinação dos patriotas angolanos, o sangue vertido pelo heróico povo de Angola, devem estar presentes no nosso espírito nesse dia. Demonstremos o nosso apoio e a nossa solidariedade ao Povo de Angola e aos povos das colónias que seguindo o seu exemplo pegaram também em armas!

O POVO DE ANGOLA VENCERÁ!

VIVA O MPLA!

MORTE AO COLONIALISMO!

*Abaixo a guerra colonial assassina!*

Coimbra, 31/1/74

COMITÉ "VIVA A GUINÉ  
INDEPENDENTE"

(da ORGANIZAÇÃO DOS COMITES "SERVIR O POVO")

LE - DISCUTE E DIVULGA A PROPAGANDA REVOLUCIONÁRIA